

EU POSSO TE OUVIR

I CAN HEAR YOU

Rogieriany Lopes Farias¹; Silvinha de Sousa Vasconcelos Costa²; Patricia Thays Alves Pereira³; Aurilene Marcelo da Silva⁴; Jéssica Rodrigues Brito⁵; Mirna Jorjandhe Bernardino Barreto⁶

RESUMO

Este estudo trata de um relato da experiência do projeto “Eu posso te ouvir”, que se realiza em uma escola do município de Sobral, Ceará, como uma estratégia intersetorial, multiprofissional e interdisciplinar de enfrentamento à violência autoprovocada. O projeto teve início em 2017, com desenvolvimento até os dias atuais e foi criado em parceria entre a escola Netinha Castelo, o Centro de Saúde da Família - CSF do Junco, a equipe da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e a equipe da Residência Multiprofissional em Saúde Mental. Para consolidação do projeto, foram necessárias as seguintes providências: aprofundamento teórico-conceitual e metodológico; utilização de oficinas reflexivas para aproximação do sujeito; implementação multiprofissional da Escuta Acolhedora individualizada dos adolescentes com sofrimento mental; Educação Permanente com os professores; readequação do currículo escolar; criação de Grupo como recurso terapêutico; e articulação com a rede de atenção e proteção do adolescente de Sobral. E teve como resultados a redução dos casos de automutilação, fortalecimento de vínculos entre adolescente-escola-família, articulação intersetorial e transformação da escola para uma visão holística de educação emancipatória. Recomenda-se que todos os espaços escolares do município compreendam a relevância da temática que se volta para uma “adolescência silenciada”, emocionalmente vulnerável e necessitada do espaço que o projeto Eu posso te ouvir oferece.

Palavras-chave: Violência. Automutilação. Adolescente. Intersetorialidade. Cultura de paz.

ABSTRACT

This study is an account of the experience of the "I can hear you" project at a school in the municipality of Sobral, Ceará, as an intersectoral, multiprofessional and interdisciplinary strategy to deal with self-inflicted violence. The project began in 2017, with development to date and was created in partnership with the Netinha Castelo School, the Family Health Center - FHC do Junco, the team of the Multiprofessional Residency in Family Health and Mental Health. To consolidate the project, it was necessary to experience some moments such as: theoretical-conceptual and methodological deepening; use of reflexive workshops to approximate the subject; multiprofessional implementation of individualized listening of adolescents with mental suffering; Permanent Education with teachers; readjustment of the school curriculum; creation of a group as a therapeutic resource and articulation with the network of attention and protection of adolescents in Sobral. And it had as a result the reduction of cases of self-mutilation, strengthening ties between adolescent-school-family, intersectoral articulation, transformation of the school to a holistic vision of emancipatory education. It is recommended that all school spaces in the municipality understand the relevance of the theme that reflects a "silenced adolescence", emotionally vulnerable and needing the space that the project I can hear you offer.

Recebido em: 25 junho 2019

Aprovado em: 30 junho 2019

Keywords: Violence. Self-mutilation. Adolescent. Intersectorality. Culture of peace.

¹Assistente Social pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Especialista em Saúde da Família em Caráter de Residência pela Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia (ESP-VS). Prefeitura Municipal de Sobral/Secretaria da Saúde. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: rogerianylopes@gmail.com

²Enfermeira pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em Saúde da Família pela Rede Nordeste de Saúde da Família (RENASF/UVA). Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia (ESP-VS). Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: silvinhacostacosta10@bol.com.br

³Assistente Social pelo Centro Universitário INTA (UNINTA). Especialista em Saúde da Família em Caráter de Residência pela Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia. Prefeitura de São Benedito. São Benedito, Ceará, Brasil. E-mail: asthaysalves@gmail.com

⁴Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Língua e Literatura pela UVA. Programa Educar pra Valer da Associação Bem Comum. São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: lenaececi@gmail.com

⁵Enfermeira pela Faculdade Vale do Salgado (FVS). Especialista em Saúde da Família e Residente em Saúde Mental em Caráter de Residência pela Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia (ESP-VS). Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: jessbrito@hotmail.com

⁶Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Saúde Mental em Caráter de Residência pela Escola de Saúde Pública Visconde de Saboia (ESP-VS). Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: mirna_gap@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em 2002, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a violência em três grandes categorias: interpessoais, coletivas e autoinfligidas. A última, também conhecida como violência autoprovocada, é a violência que uma pessoa inflige a si mesma e pode ser subdividida em comportamento suicida e autolesão (WHO, 2002).

O comportamento suicida é caracterizado por pensamentos suicidas, tentativas de suicídio e suicídio; enquanto a autolesão inclui atos de automutilação, que vão desde formas mais suaves, como arranhões, cortes e mordidas a formas mais severas, como a amputação de membros (WHO, 2002).

O Ceará ficou em 5º lugar no Brasil no ranking de violência autoprovocada resultante em suicídios, conforme o 10º Anuário de Segurança Pública, divulgado em 2016, pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Com 533 casos registrados em 2015, o Estado teve uma média de seis casos por 100 mil habitantes - superior à média nacional de 4,2. A epidemia, silenciosa e devastadora, ainda apresentou crescimento de 9,2% no Estado em relação ao ano de 2014, quando foram contabilizados 488 suicídios (JORNAL O POVO, 2016).

Não nos cabe buscar, por enquanto, em que medida e em que condições é legítimo estudar assim os suicídios, mas o certo é que eles podem ser considerados sob um aspecto totalmente diferente. De fato, se, em vez de enxergá-los apenas como acontecimentos particulares isolados uns dos outros [...] considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos por si mesmo um fato novo e sui generis que tem sua unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social (DURKHEIM, 2000, p. 17).

Dessa forma, a visão interdisciplinar nesse processo é indispensável para a melhor compreensão da totalidade na qual a violência está inserida, pois, segundo Durkheim (2000), ela não pode ser vista fora de seu contexto social.

Alguns autores entendem a violência na escola como reflexo da violência produzida pelo meio em que os educandos vivem. Consideram que as raízes da violência na escola se encontram na violência no bairro, na família e em condições estruturais como a pobreza e privação. Dessa forma, a intersetorialidade é entendida como uma estratégia para resolver problemas que extrapolam o âmbito de atuação setorial e é referida como

uma política proposta para orientar e organizar a promoção da saúde nos municípios cenários (CAVALCANTI et al, 2014).

Atualmente, as escolas brasileiras têm passado por diversos problemas, principalmente no que diz respeito à violência autoprovocada. Observa-se no contexto escolar a evolução de uma adolescência marcada por falta de esperança e incapacidade para lidar com as emoções, organizar um sentimento de pertença e de bem-estar sustentado (SAMPAIO, 2006), resultando, por vezes, nas formas mais comuns de autolesão que envolvem cortar a pele, queimar-se, bater em si mesmo, beliscar-se, arranhar-se, morder-se, puxar excessivamente os cabelos (OTTO; SANTOS, 2016).

A Escola Netinha Castelo de Ensino Fundamental, de Sobral, Ceará, vivenciou um momento bastante preocupante no tocante aos crescentes episódios de automutilação pelos adolescentes no ambiente escolar. Essa realidade tem sido observada também em outras escolas de ensino fundamental e médio do município.

Sobral hoje é reconhecida como modelo para a educação brasileira, apresentando o maior índice de Desenvolvimento da Educação Básica no ano de 2019. Se nossos alunos estão aprendendo na idade certa e mantendo um bom desempenho nas avaliações de larga escala, dentro de um plano educacional que já dura quase 20 anos, por que os índices de violência autoprovocada só têm aumentado? É possível se pensar em um movimento intersetorial de enfrentamento à violência no âmbito escolar? Será possível estabelecer uma relação terapêutica com estes adolescentes por meio da escuta acolhedora e afetuosa?

É importante estabelecer uma nova relação entre escola, saúde e sociedade. Assim como a família, a escola também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento sadio do indivíduo em todas as fases de sua vida escolar. Sendo a escola o lugar onde os adolescentes passam boa parte do dia, seu papel é promover e integrar a educação intelectual e emocional, incentivar a cidadania e a responsabilidade social, bem como garantir espaços de escuta e de diálogo.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência do projeto “Eu posso te ouvir” como uma estratégia intersetorial, multiprofissional e interdisciplinar que proporciona espaços de diálogo e escuta acolhedora com os adolescentes escolares na perspectiva da

valorização da vida, promoção da saúde, cultura de paz e competências socioemocionais, visando o bem estar biopsicossocial e prevenindo as violências.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo do tipo relato de experiência, de natureza descritiva, com abordagem qualitativa, que descreve o projeto Eu posso te ouvir, consolidado a partir de momentos de intervenção realizados com adolescentes da Escola de ensino fundamental Netinha Castelo no município de Sobral - Ceará, atendendo a uma demanda percebida pela referida escola de frequentes casos de violência autoprovocada que necessitavam de uma atenção intersetorial.

O projeto teve início em 2017 com desenvolvimento até os dias atuais e foi criado em parceria entre a escola Netinha Castelo, o Centro de Saúde da Família - CSF do Junco, a equipe da Residência Multiprofissional em Saúde da Família, a equipe da Residência Multiprofissional em Saúde Mental.

Para consolidação do projeto, foram necessárias as seguintes providências: aprofundamento teórico-conceitual e metodológico; utilização de oficinas reflexivas para aproximação do sujeito; implementação multiprofissional da Escuta Acolhedora individualizada dos adolescentes com sofrimento mental; Educação Permanente com os professores; readequação do currículo escolar; criação de Grupo como recurso terapêutico; construção de vínculos familiares; articulação da rede de saúde; e avaliação processual.

DESENVOLVIMENTO

A experiência teve início em julho de 2017, quando a Escola Netinha Castelo de Ensino Fundamental, do município de Sobral, identificou alguns adolescentes com marcas de automutilação, o que levou a gestora a procurar ajuda junto ao CSF de referência no território.

A partir de então, se iniciou um trabalho articulado entre a referida escola, o CSF, a Residência Multiprofissional em Saúde da Família e a Residência Multiprofissional em Saúde Mental com o objetivo de compreender o fenômeno ao

mesmo tempo que pudesse intervir de forma mais acolhedora e pedagógica nas questões relacionadas à violências, tais como automutilação e ideação suicida.

Diante do objeto em estudo, percebeu-se a necessidade de um aprofundamento teórico-conceitual e metodológico para o desenvolvimento de todo o processo. Assim, foram realizados momentos para estudar temáticas de relevância que promovessem um alinhamento técnico e científico de toda a equipe para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes no lidar com o fenômeno da violência autoprovocada.

Em seguida, estabeleceu-se uma aproximação com o cenário escolar por meio da realização de oficinas reflexivas, em salas de aula, com todos os estudantes da escola, com o objetivo de identificar as principais demandas, mediante a reflexão e verbalização de suas emoções, partindo do conhecimento prévio de cada um acerca da temática do suicídio.

Tais oficinas evidenciaram a necessidade que os estudantes tinham de serem vistos, acolhidos, de expressar sentimentos e emoções, de dialogar sobre suas vivências, inquietações e de acessar políticas públicas que os ajudassem a lidar com as questões sociais e com o sofrimento mental que apresentavam.

Foi sob esta ótica que o projeto Eu posso te ouvir se consolidou. Compreendeu-se que era de fundamental importância promover e potencializar na escola espaços para que os adolescentes pudessem falar e ser ouvidos em sua integralidade, sem julgamento, sem preconceito ou estigma. Desse modo seus problemas poderiam ser reconhecidos e valorizados, não reduzidos a dramas de adolescentes, modismo e frescura. Assim se tornaria possível fortalecer com eles os vínculos, renovar suas esperanças e estabelecer uma rede de apoio que começa na escola e se abrange pela família, sociedade e Estado.

Quando digo que gosto de ouvir alguém estou me referindo evidentemente a uma escuta profunda. Quero dizer que ouço as palavras, os pensamentos, a tonalidade dos sentimentos, o significado pessoal, até mesmo o significado que subjaz às intenções conscientes do interlocutor. Em algumas ocasiões ouço, por trás de uma mensagem que superficialmente parece pouco importante, um grito humano profundo, desconhecido e enterrado muito abaixo da superfície da pessoa (ROGERS, 1983, p. 5).

Carl Rogers (1983) aponta a fenomenologia do ouvir em alguns de seus aspectos, principalmente aqueles que mais interessam a uma relação

terapêutica e a uma relação educativa. Nesse sentido, foram sistematizados no projeto momentos de Escuta Acolhedora, quando os profissionais residentes em saúde da família e em saúde mental, de diversas categorias profissionais, iam até a escola para realizar uma escuta individual dos estudantes com prática de automutilação, vítimas de violências ou com sofrimento mental.

Para fortalecer a identidade do projeto, foi criada uma logomarca que traduz a importância da escuta acolhedora e afetuosa, conforme a imagem abaixo.

Figura 1 - Logomarca do Projeto *Eu posso te Ouvir*. Sobral, Ceará. 2017.



Fonte: Própria.

Simultaneamente, foi instituída a ferramenta de apoio matricial junto à escola. Esta ferramenta consiste em um novo modo de produzir saúde em que duas ou mais equipes, num processo de construção compartilhada que perpassa a discussão de casos e possíveis encaminhamentos, e estabelece uma proposta de intervenção pedagógico-terapêutica, integrando o diálogo entre diferentes especialidades e profissões (CAMPOS; DOMITTI, 2007).

Partindo da necessidade de um acompanhamento mais próximo dos adolescentes que haviam participado da escuta qualificada pelos profissionais de saúde, criou-se um Grupo como recurso terapêutico e de compartilhamento dialógico que possibilitou a troca de experiências, o fortalecimento de vínculos e criação de estratégias de cuidado.

Para Rogers (1983) as experiências intensivas de grupo são muito significativas, pois ouvir traz

consequências. Quando efetivamente se ouve uma pessoa e os significados que lhe são importantes naquele momento, ouvindo não suas palavras, mas ela mesma, há, em primeiro lugar, um olhar agradecido. Ela se sente aliviada. Quer falar mais sobre seu mundo. Torna-se mais aberta ao processo de mudança.

Para garantir a sustentabilidade do projeto, foi de fundamental importância o envolvimento, sensibilização e participação ativa dos professores da escola. Optou-se pela sua participação de forma voluntária. Em seguida, deu-se início a um processo de Educação Permanente para desenvolver nos profissionais da escola habilidades de escuta e acolhimento dos adolescentes em sofrimento mental.

O projeto colaborou para a readequação do currículo escolar, com a inserção cotidiana de assuntos como bullying, violências, automutilação, paz, respeito, resiliência, colaboração, entre outros, para potencializar o protagonismo juvenil e promover na escola uma cultura de paz, centrada na escuta, no desenvolvimento de competências socioemocionais e no fortalecimento de vínculos.

Mobilizados pelo projeto e pelas vivências socioemocionais, professores deram vida a outras ações com o intuito de proporcionar mais voz aos adolescentes, como é o caso do Jornal Escolar *Netinha News*, uma ferramenta que explora temas que são trabalhados na escola e depoimentos dos estudantes sobre sua experiência com o *Eu posso te ouvir*, além de ações como recreio interativo, “Dia do amor próprio” e “Dia do Abraço”.

Envolver a família no projeto foi fundamental. Além de ser parceira na construção de novas propostas para a educação, também se constitui como um fator protetivo em casos de violência autoprovocada. Durante o projeto foram realizados momentos de diálogo, sensibilização e reflexão com os familiares dos estudantes. Os pais/responsáveis também participaram de momentos de escuta acolhedora individualizada com os profissionais de saúde e de educação, afim de refletir sobre as problemáticas vivenciadas por seus filhos e identificar formas para mediar os conflitos e fortalecer os vínculos familiares.

No entanto, a prevenção não se limita à rede de saúde e de educação, mas deve ir além dela, sendo necessária a existência de ações na sociedade, em diversos âmbitos, de forma intersetorial, que poderão colaborar para a

diminuição dos índices de violências, levando em consideração o biológico, psicológico, político, social e cultural, em que o indivíduo é considerado como um todo em sua complexidade.

Dessa forma, o projeto desenvolveu uma articulação com a rede de atenção e de proteção ao adolescente no município de Sobral, encaminhando e compartilhando casos complexos com diversos serviços, tais como: Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS), Conselho Tutelar, Centros de Saúde da Família (CSF), serviços de psicologia aplicada e a Liga de Promoção à Saúde do Adolescente (LIPSA), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Dentre os desafios encontrados para execução do projeto, destaca-se a insuficiência de profissionais da rede de saúde mental do município, para o atendimento de casos complexos, como ideação suicida, tentativa de suicídio e transtornos mentais.

Cada etapa do projeto Eu posso te ouvir foi pautada no planejamento multiprofissional e interdisciplinar e na avaliação processual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Eu posso te ouvir” apresenta-se como uma estratégia de enfrentamento às violências autoprovocadas no ambiente escolar. Com o seu desenvolvimento foi possível obter respostas exitosas. Entre elas, destaca-se a transformação do entendimento da escola para uma visão holística de educação emancipatória, que visa não apenas atingir elevados índices de aprendizagem, mas também contribuir para a formação humana integral, fortalecendo a autonomia intelectual e moral do educando, sabendo que, para isso, é preciso propiciar uma formação crítica e libertadora por meio da escuta e do acolhimento.

No contexto dos adolescentes que se automutilavam foi possível fazer um resgate da autoestima e da valorização da vida. Houve mudanças de comportamento atitudinal e cognitivo dos estudantes e o estabelecimento de uma cultura de paz, do respeito e da boa convivência e, conseqüentemente, redução das violências autoprovocadas. Além disso, é possível perceber o

fortalecimento da relação dialógica entre todos que compõem a comunidade escolar.

A utilização da escuta acolhedora e afetuosa se mostrou um método potente para o cuidado ao adolescente em sofrimento mental, no ambiente escolar, compreendendo o significado real atribuído pelo adolescente durante a fala, numa escuta empática, sem julgamento, preconceito ou estigma.

É importante mencionar a intersetorialidade como o principal elemento para a aplicação do projeto, tendo em vista a complexidade do fenômeno da violência que extrapola o campo setorial. Além disso a articulação em rede para acompanhamento dos casos de violências e sofrimento mental, se faz necessária para a efetividade do cuidado.

Aponta-se a necessidade de mais profissionais em ambas as esferas, saúde e educação, implicados com a temática da violência autoprovocada e sensíveis para a escuta acolhedora. Recomenda-se que todos os espaços escolares do município estejam atentos para essa necessidade, compreendendo a relevância da temática que se volta para uma “adolescência silenciada”, emocionalmente vulnerável e que necessita do espaço que o projeto Eu posso te ouvir oferece.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos Flávia Campos Pontes, Hanna Pontes Linhares, Sanayla Maria Albuquerque Queiroz, José Carlos Araújo Fontenele, Marília Gabriela Bezerra, Lisandra Teixeira Rios, pela colaboração no Projeto Eu posso te ouvir.

REFERÊNCIAS

Campos, G. W. S.; Domitti, A. C. Apoio Matricial e equipe de referência: uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 399-407, 2007

Cavalcante, P.B; Carvalho, R.N; MIRANDA, A.P.R.S; Medeiros, K.T; Dantas, A.C.S. *A intersetorialidade enquanto estratégia profissional do Serviço Social na Saúde*, 2014. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/>> Acesso em junho de 2019.

Durkheim, E. *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Freire, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação -uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

Jornal O Povo. Ceará é o 5º estado em número de suicídios. Fortaleza, 2016. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/11/ceara-e-o-5-estado-em-numero-de-suicidios.html>> Acesso em junho de 2019.

Otto, S.C; Santos, K.A. O Tumblr e sua relação com práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão. *Psic. Rev. São Paulo*, volume 25, n.2, 265-288, 2016.

Rogers, C. *Um jeito de ser*. São Paulo, EPU, 1983.

Sampaio, D. *Lavrar o mar*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

World Health Organization (WHO). *Preventing suicide: a global imperative*. Geneva: WHO; 2002. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/publications.pdf>. Acesso junho de 2019.